

Dados de Identificação:**Título:** O MENINO METAMORFO**Professora:** SUSI CRISTINA BIASIBETTI**Escola:** ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO NOVA BRÉSIA**Município/UF:** NOVA BRÉSCIA/RS

:

O MENINO METAMORFO

“O Menino Metamorfo” relata uma experiência de trabalho que está sendo realizada com uma criança especial da 2ª série do Ensino Fundamental, com o intuito de ressocializá-la à comunidade escolar e ao convívio social respeitando as suas peculiaridades. No início deste ano letivo, ao se iniciarem os trabalhos com alunos, perceberam-se duas situações-problema até então nunca enfrentadas: um menino, chamado Darci, muito conhecido no âmbito escolar e na sociedade por suas especificidades e a insatisfação dos demais alunos frente a essas mesmas especificidades.

Ao ver o aluno Darci na sala de aula, e ao ouvir a pergunta feita pelos seus colegas, “professora, o Darci vai ser nosso colega de novo?”, teve-se a certeza de que as práticas pedagógicas aprendidas e/ou aquelas que já foram aplicadas em outras turmas não poderiam ser aplicadas a esse aluno, pois ele vem de uma realidade bem distante daquela em que vivemos. Ciente de que se estava diante de uma situação

“diferente”, e que era necessário fazer algo para incluir o aluno na turma, mesmo conhecendo suas limitações, suas condições higiênicas e as situações desagradáveis que estudantes e professora do ano anterior passaram com o mesmo, iniciaram-se as primeiras estratégias de trabalho. Primeiramente, era necessário resolver a questão burocrática da Escola e efetivar sua matrícula, pois nem matriculado ele estava. Essa era uma questão que constrangia não a ele, que nem tinha conhecimento do que estava acontecendo, mas a mim, como professora. A parte essencial no desenvolvimento de todo o ser humano é a família, onde se buscou, através de uma visita, conhecer a realidade e o meio em que ele vive para entender o porquê de suas atitudes.

Também se objetivou estabelecer o engajamento e o comprometimento da família para que as ações realizadas realmente se concretizassem em progressos positivos no desenvolvimento do pequeno educando. Através da interação e do contato diário com o aluno Darci, veio a aceitação dos colegas que estão sempre prontos para auxiliá-lo, demonstrando ser solidários e compreensivos com as suas limitações. Fortaleceram-se, assim, maravilhosos vínculos afetivos. A compreensão digital do aluno Darci efetivou-se como uma mola propulsora para sua inclusão social, garantindo assim a sua permanência na Escola, o que nada mais é do que assegurar-lhe o direito à Educação, previsto na Lei máxima que é a Constituição Federal. A avaliação ocorreu de forma contínua e global, observando-se habilidades, hábitos, atitudes e conquistas adquiridas pelo aluno, levando-se em conta suas especificidades através de



Material que foi entregue como incentivo de permanência na Escola

registros diários. Salienta-se que as principais ferramentas de trabalho utilizadas foram: a afetividade, o envolvimento da comunidade escolar e os diversos segmentos da sociedade, tais como: Assistência Social, Conselho Tutelar, Secretaria Municipal da Educação, Secretaria Municipal da Saúde, Unidade Sanitária de Saúde e profissionais ligados às áreas. Essa parceria está dando certa, pois já são consideráveis os avanços que o aluno Darci demonstra ter atingido. Sabe-se que o pequeno não está apto para encarar a sociedade, e que ainda há muito por se fazer, porém o essencial é que a inclusão social já foi atingida. Ele pode frequentar a Escola tranquilamente, pois está integrado no ambiente e é tratado conforme os princípios da igualdade e convivência harmoniosa que existe entre os seres humanos.

OBJETIVO GERAL

Promover práticas pedagógicas que possam garantir a inclusão do aluno Darci na comunidade, bem como seu acesso e permanência na Escola;

Promover ações que visem ao engajamento da família na busca de melhorias referentes à educação e à higiene do aluno Darci.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Desenvolver na comunidade escolar atitudes de sensibilidade e de responsabilidade perante as diversidades apresentadas pelo ser humano;

Favorecer a ressocialização do aluno Darci, preparando-o e aperfeiçoando-o para a vida, visando ao desenvolvimento integral do ser humano;

Desenvolver hábitos e atitudes que, através do aluno Darci, possam refletir positivamente no seu convívio familiar.

CONTEXTUALIZAÇÃO

A experiência aconteceu na Escola Estadual de Ensino Médio Nova Bréscia, localizada no Estado do Rio Grande do Sul, na sede do referido município. Atende alunos da sede e do interior, bem como do Ensino Médio de um município vizinho. Cada professor possui uma turma única. Seu quadro de atuação é composto por direção, vice-direção, coordenação pedagógica, quadro completo de professores e de funcionários que atendem a uma demanda de 510 alunos, distribuídos nos três turnos. É um prédio um tanto antigo, de cinco andares, e, sendo assim, possui muitas escadas o que dificultava o ir e vir do nosso aluno em questão. A escola disponibiliza de um diversificado material pedagógico e recursos audiovisuais que possibilitam ao professor a realização de um trabalho de boa qualidade de ensino. A comunidade escolar organiza e realiza eventos com o objetivo de angariar recursos para serem investidos na escola, visando melhorar cada vez mais sua qualidade de ensino. Esta escola vem destacando-se pelos bons resultados que os alunos demonstraram nas avaliações externas e pelo prêmio em “Gestão Escolar” conquistado em 2008. O índice de frequência e aprovação escolar são bons, a evasão é muito baixa, e cerca de 80% dos alunos dependem do transporte escolar. Os estudantes, na sua maioria, são de origem italiana, havendo pobreza, mas não se verifica miséria absoluta. Em meio a esse contexto, no início do ano passado, ingressou na 1ª série o aluno Darci que, por suas limitações, causou certo impacto. Os hábitos de higiene essenciais praticamente inexistiam. O menino agressivo não sabia usar o banheiro, fazia suas necessidades fisiológicas na sala de aula e apresentava limitações locomotoras e neurológicas. Vinha para a Escola acompanhado pela mãe, e esta ficava na cidade durante toda a tarde aguardando o término da aula.

O Conselho Tutelar foi acionado e o caso foi parar na Promotoria. Resumindo: o juiz e o promotor não entraram em acordo e alegando negligência familiar optaram pelo seu afastamento da Escola após quatro meses de frequência. Neste ano, buscou-se conhecer o histórico do menino. Descobriu-se que ele mora a seis quilômetros da sede, num local isolado e de difícil acesso. É o caçula de oito filhos, e destes três já faleceram: um quando criança e os outros dois, portadores de necessidades especiais

de locomoção e cadeirantes, no último ano. Os pais são primos irmãos, e por isso os filhos apresentam doenças congênitas em menor ou maior intensidade. A família possui pouquíssimas condições financeiras e higiênicas, não dá importância à Educação e apresenta resistência a mudanças. Além disso, sofreu privações de caráter sociocultural e nutricional. O aluno Darci foi criado isolado do mundo, sem ter contato ou relacionamento com outras crianças ou pessoas, e essa ausência de convivência social limitou seu vocabulário que é ínfimo.

A 2ª série em que o aluno está inserido é formada por sete alunos, todos pertencentes a famílias de baixa renda. Não possuem acesso à informática em casa e lutam para manter as condições necessárias para sobreviverem.

Para nos referirmos a educandos com necessidades educacionais especiais é necessário que saibamos como são identificados. Nesse sentido, o Parecer 17/2001 do Conselho Nacional de Educação instituiu as Diretrizes Básicas para a Educação Especial na Educação Básica e definiu como alunos com necessidades especiais aqueles que durante o processo de ensino-aprendizagem apresentam:

dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos:

a) aquelas não-vinculadas a uma causa orgânica específica;
b) aquelas relacionadas a condições, limitações ou deficiências, dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos alunos, demandando a utilização de linguagens e códigos aplicáveis; altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem dominando rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes. (CNE/CEB/MEC, Resolução 2/2001, art. 5º).

Assim, são considerados alunos com necessidades educacionais especiais aqueles que manifestam comportamentos particulares que impeçam os encaminhamentos rotineiros das práticas pedagógicas realizadas em sala de aula, pois é necessário que se façam ajustes curriculares para respeitar o ritmo de aprendizagem, a capacidade e potencialidade dos mesmos. A Educação Inclusiva é a garantia de acesso contínuo ao espaço da escola por todos, levando a sociedade a criar relações de acolhimento à diversidade humana e aceitação das diferenças individuais, representando um esforço coletivo na equiparação de oportunidades de desenvolvimento, conforme registra a Declaração de Salamanca:

[...] o princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças deveriam aprender juntas, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter. As escolas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas necessidades de seus alunos, acomodando tanto estilos como ritmos diferentes de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de currículo apropriado, modificações organizacionais, estratégias de ensino, usam de recursos e parcerias com a comunidade. (BRASIL, 1994a, p. 61).

Documento resultante da Conferência Mundial Sobre Necessidades Especiais (1994) proclama o direito fundamental de todas as crianças, com as suas características peculiares, à Educação. Afirma, também, o direito das pessoas com necessidades educativas especiais à escola regular, que deverá integrá-las numa pedagogia adequada. O Governo Federal nomeou um grupo de trabalho, que elaborou documento entregue ao Ministro da Educação em 07 de Janeiro de 2008. O documento afirma que:

[...] a educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os serviços e recursos próprios desse atendimento e orienta os alunos e seus professores quanto a sua utilização nas turmas comuns do ensino regular.

Este documento define a “Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva”, a partir da leitura do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), com os seguintes objetivos:

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do

desenvolvimento, altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e os demais profissionais da educação para inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

Nesse sentido, Wygotsky (1989, p. 6), que também estudou o tema das necessidades educativas especiais, afirma que:

[...] do mesmo modo que a criança em cada etapa do desenvolvimento, em cada fase sua, representa uma peculiaridade qualitativa, uma estrutura específica do organismo e da personalidade, a criança com deficiência representa um tipo peculiar, qualitativamente distinto de desenvolvimento.

O histórico normativo da Educação Especial no Brasil passou por alterações que visam a garantir o acesso e a permanência de pessoas portadoras de necessidades especiais à escola. Já em 1961, o atendimento educacional às pessoas com deficiência passa a ser fundamentado pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº. 4024/61, que aponta o direito dos “excepcionais” à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino. Ao definir “tratamento especial” para os alunos com “deficiências físicas, mentais e os que se encontram em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados”, a Lei nº. 5.692/71, que altera a LDBEN de 1961 não promove a organização de um sistema de ensino capaz de atender as necessidades educacionais especiais e acaba reforçando o encaminhamento dos alunos para as classes e escolas especiais.

A nossa carta magna que é a Constituição Federal de 1988 traz como um dos seus objetivos fundamentais, “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (art. 3º. inciso IV). Define, no artigo 205, a educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. No seu artigo 206, inciso I, estabelece a “igualdade de condições e acesso e permanência na escola”, como um dos princípios para o ensino e, garante como dever do Estado, a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (art. 208). O Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei nº. 8.069/90, artigo 55, reforça os artigos supracitados, ao determinar que “os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino”. Nessa década, documentos como a Declaração Mundial de Educação para Todos (1990) e a Declaração de Salamanca (1994) passaram a influenciar a formulação das políticas públicas da educação inclusiva.

Em 1994, é publicada a Política Nacional de Educação Especial, que ao reafirmar os pressupostos construídos a partir de padrões homogêneos de participação e aprendizagem, não provoca uma reformulação das práticas educacionais de maneira que sejam valorizados os diferentes potenciais de aprendizagem no ensino comum, mantendo a responsabilidade da educação de alunos que não acompanham as atividades curriculares do ensino comum exclusivamente no âmbito da educação especial.

Em 1999, o Decreto nº. 3.298 que regulamenta a Lei nº. 7.853/89, ao dispor sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, define a educação especial como uma modalidade transversal a todos os níveis e modalidades de ensino, enfatizando a atuação complementar da educação especial ao ensino regular. Acompanhando o processo de mudanças, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº. 2/2001, no artigo 2º, determinam que:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais,

assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (MEC/SEESP, 2001).

Assim sendo, as instituições de Ensino deveriam adaptar-se para atender esses alunos. O Plano Nacional de Educação - PNE, Lei nº. 10.172/2001 destaca que “o grande avanço que a década da educação deveria produzir seria a construção de uma escola inclusiva que garanta o atendimento à diversidade humana”. Ao estabelecer objetivos e metas para que os sistemas de ensino favoreçam o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos, aponta um déficit referente à oferta de matrículas para alunos com deficiência nas classes comuns do ensino regular, à formação docente, à acessibilidade física e ao atendimento educacional especializado.

A Convenção de Guatemala (1999), promulgada no Brasil pelo Decreto nº. 3.956/2001, afirma que as pessoas com deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que as demais pessoas, definindo como discriminação com base na deficiência, toda diferenciação ou exclusão que possa impedir ou anular o exercício dos direitos humanos e de suas liberdades fundamentais. Na perspectiva da educação inclusiva, a Resolução CNE/CP nº. 1/2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, define que as instituições de ensino superior devem prever em sua organização curricular formação docente voltada para a atenção à diversidade e que contemple conhecimentos sobre as especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Em 2003, o Ministério da Educação cria o Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade, visando transformar os sistemas de ensino em sistemas educacionais inclusivos, que promove um amplo processo de formação de gestores e educadores nos municípios brasileiros para a garantia do direito de acesso de todos à escolarização, a organização do atendimento educacional especializado e a promoção da acessibilidade. Em 2004 o Ministério Público Federal divulga o documento O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular, com o objetivo de disseminar os conceitos e diretrizes mundiais para a inclusão, reafirmando o direito e os benefícios da escolarização de alunos com e sem deficiência nas turmas comuns do ensino regular.

Impulsionando a inclusão educacional e social, o Decreto nº. 5.296/04 regulamentou as leis nº. 10.048/00 e nº. 10.098/00, estabelecendo normas e critérios para a promoção da acessibilidade às pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. Nesse contexto, o Programa Brasil Acessível é implementado com o objetivo de promover e apoiar o desenvolvimento de ações que garantam a acessibilidade. O Decreto nº. 5.626/05, que regulamenta a Lei nº. 10.436/2002, visando a inclusão dos alunos surdos, dispõe sobre a inclusão da LIBRAS como disciplina curricular, a formação e a certificação de professor, instrutor e tradutor/intérprete de LIBRAS, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos e a organização da educação bilíngue no ensino regular. Em 2005, com a implantação dos Núcleos de Atividades das Altas Habilidades/Superdotação - NAAH/S, em todos os Estados e no Distrito Federal, são formados centros de referência para o atendimento educacional especializado aos alunos com altas habilidades/superdotação, orientação às famílias e a formação continuada aos professores. Nacionalmente, são disseminados referenciais e orientações para organização da política de educação inclusiva nesta área, de forma a garantir esse atendimento aos alunos da rede pública de ensino. Em 2006, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, o Ministério da Educação, o Ministério da Justiça e a UNESCO lançam o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos que objetiva, dentre as suas ações, fomentar, no currículo da Educação Básica, as temáticas relativas às pessoas com deficiência e desenvolver ações afirmativas que possibilitem inclusão, acesso e permanência na Educação Superior.

O Decreto nº. 6.094/2007 estabelece, dentre as diretrizes do Compromisso Todos pela Educação, a garantia do acesso e permanência no ensino regular e o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos, fortalecendo a inclusão educacional nas escolas públicas. A Inclusão Educacional nas escolas públicas é compromisso de todos, sendo

necessário que cada um faça a sua parte, trabalhando coletivamente para que ela seja realmente efetivada. Mantoan destaca a importância do trabalho coletivo no cotidiano escolar:

[...] o trabalho coletivo e diversificado nas turmas e na escola como um todo é compatível com a vocação da escola de formar gerações. É nos bancos escolares que aprendemos a viver entre os nossos pares, a dividir responsabilidades, repartir tarefas. O exercício dessas ações desenvolve a cooperação, o sentido de se trabalhar e produzir em grupo, o reconhecimento da diversidade dos talentos humanos e a valorização do trabalho de cada pessoa para a consecução das metas comuns de um mesmo grupo. (MANTOAN, 2003)

A Inclusão Educacional nas escolas públicas é compromisso de toda a comunidade escolar.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Tudo começou no início do ano letivo de 2009, quando os professores dirigiram-se as suas salas de aula, a fim de conhecer e estabelecer o primeiro contato com aqueles que integrariam as atividades escolares que seriam realizadas. Acompanhado pela mãe, um menino chamado Darci estava no corredor, esperando para saber quem seria sua professora. Ao passar por eles e sabendo que ele frequentara a 1ª série no ano anterior por alguns meses, foi convidado para entrar na minha sala e, eis que, prontamente, a mãe deixou o menino ali e foi para casa. Iniciaram-se as indagações: “O que fazer com ele? Como ajudá-lo? O que fazer para cativar esse menino?” Não se podia ignorar que ele estava ali e ficar indiferente à situação, pois os outros alunos questionavam: “Professora, o Darci vai ser nosso colega de novo?” (Eles já haviam sido colegas no ano anterior e passaram por situações frustrantes e desagradáveis). As indagações frente ao fato transformaram-se num desafio a ser resolvido e num estímulo propulsor para a realização de algo que fosse ao encontro desse menino e o trouxesse para um convívio harmonioso com seus colegas. Acreditou-se que isso seria possível. Percebeu-se que o aluno Darci, menino muito conhecido por suas atitudes no ano anterior, não estava na lista de chamada e nem matriculado, pois a direção da Escola aguardava orientações da Coordenadoria de Ensino para saber qual série ele deveria frequentar; observou-se que o mesmo possuía idade escolar avançada em relação aos seus colegas, pois completaria dez anos em dezembro do corrente ano.

Conhecendo-se o seu histórico familiar e seus atos incipientes do ano anterior, iniciaram-se atividades repletas de ternura e carinho. A afetividade foi a principal ferramenta de trabalho utilizada e aplicada para cativar o menino Darci. Nessa missão, houve a contribuição essencial de todos os colegas que foram convidados a colaborar na ressocialização. E percebeu-se a maravilha que é o ser humano: todos contribuíram, generosamente, para efetivar a inclusão do menino, sem preconceitos. A referida experiência narrou-se em semanas. Na primeira semana de aula, constatou-se que ele não frequentara a Educação Infantil e, no momento, apresentava muitas dificuldades, tanto na psicomotricidade fina como na ampla. Ele frequentara somente quatro meses de aula na 1ª série, pois fora afastado por decisão do Juiz de Infância. Não se relacionava com as crianças, não conversava, não brincava, não comia a merenda e ficava o recreio todo sentado no pátio, sozinho; fazia xixi nas calças e, às vezes, até cocô, pois ele não ia ao banheiro de jeito nenhum, e isso ocasionava, na sala de aula, um odor forte e desagradável, que provocava mal-estar nos colegas e na professora. O menino fora criado num ambiente subumano e desconhecia a sociedade. De tanto insistir, começou a falar alguma coisa. Às vezes, respondia aquilo que se pedia, quando se entendia o que ele falava. No final desta semana, aceitou água e algumas bolachas, mas as outras crianças olharam para ele e, imediatamente, ele as amassou e jogou-as no chão. O trabalho dele é diferenciado dos outros alunos, pois não acompanhava os demais e não tinha nenhuma noção de conteúdos. Conseguiu-se, através de doações, uma mochila, lápis de cor, giz de cera, canetinhas, tesoura, cola, borracha, apontador e lápis de escrever para sentir-se igual aos demais. Na segunda semana, começou-se a levar-lhe o lanche para a sala de aula na hora do recreio. Como, nesta hora, só a professora e ele lá permaneciam, e vendo-se sozinho com ela, comia o lanche e em seguida ia para o pátio. Um dia, nessa mesma semana,

aconteceu um fato que deixou sua professora emocionada. Com sinais, a chamou para a sua classe. E ali começou a folhear rápida e nervosamente o caderno à procura de algo. Encontrou. Era uma folha com um desenho de uma flor que a sua irmã, portadora de necessidades especiais, fizera para ele. Sem dizer uma palavra, empurrou, com as duas mãos, a folha com o desenho da flor em direção à professora. Foi a forma que ele utilizou para presentear sua professora. Eram os primeiros sinais de transformação, aceitação e confiança nas pessoas que o rodeavam. Na aula de informática, ele estava feliz se entretendo com um joguinho de carrinho. Claro que o carrinho batia em tudo, pois ele apertava quatro teclas ao mesmo tempo. Insistindo-se, ele aceitou ir até o bebedouro que fica no corredor para tomar água (até então recusava-se a beber água e realizar outras atividades rotineiras). Mostrou-se a ele como se faz para beber água. Ficou maravilhado ao vê-la saindo da torneirinha. Era muito envergonhado, tímido e dificilmente saía de sua cadeira. Nessa semana, ficou dois dias sem fazer xixi e cocô nas calças, pois se pediu à mãe que o levasse ao banheiro da praça antes de iniciar a aula, já que, naquele lugar, por não haver pessoas circulando, ele ia sem problemas. Os colegas aceitavam a situação de forma natural, pois se explicou a todos porque o Darci agia daquela forma. Numa dessas tardes, perguntou-se se ele estava bem porque estava de cabeça baixa. Falou que havia dormido mal por causa dos “moguitos” os mosquitos. Ao finalizar a semana, observou-se que estava apresentando sinais de progresso, que, embora pequenos, já era um bom começo. Na terceira semana ocorreram muitas coisas boas. Para começar, a mãe não veio buscá-lo para levá-lo ao banheiro da praça e foi preciso muito esforço para que ele aceitasse ir comigo. Foi a quebra de uma barreira, pois a partir daquele dia começou a ir ao banheiro da praça acompanhado pela professora e/ou por seus colegas. Para nós, não era problema nenhum acompanhá-lo ao banheiro; foi bem melhor agir dessa forma do que ficar a tarde toda sentindo cheiro de xixi.

A sua higiene pessoal passou a melhorar; começou a vir mais limpinho para a aula. A mãe passou a ser cobrada pela professora para se preocupar mais com a higiene pessoal de seu filho, pois se o juiz viesse vê-lo iria querer tirar-lhe a guarda. Seguidamente a Assistente Social solicitava relatório do Darci para enviar ao juiz. A professora solicitou à turma que fizesse um autorretrato. Ele e seus colegas o fizeram. Ao ver os trabalhos expostos no corredor, Darci ficou muito feliz. Numa outra ocasião, aceitou ir com a professora numa sala que fica ao lado, escolheu um livro para levar para casa e me disse que seu irmão, Jacir, ia ler para ele. Como a professora deixou sua bolsa no xerox quando fora acompanhá-lo ao banheiro, na volta pensando que ela a tivesse esquecido ali, parou, olhou e lhe disse: “A tua mochila tá lá dentro”. Percebeu-se que estava começando a ser cativado. Noutro momento, vestia uma camiseta nova que ganhara de alguém e nela tinha a Bandeira do Brasil. Elogiado pela professora sorriu, abriu os dois bracinhos para que aparecesse a Bandeira, pedindo que ela o fotografasse (a professora sempre tinha uma máquina fotográfica consigo). Ela o fez. Nesse momento ele estava com um joguinho de memória de animais que a professora havia levado para estimular sua aprendizagem. Não se pode afirmar se foi pela alegria de exibir uma camiseta nova, ou por ter sido fotografado, mas o fato é que ele, pela primeira vez, conseguiu formar os pares bem certinhos.

Quando estávamos na praça descendo as escadarias, ele olhou para a professora e perguntou-lhe se sabia de quem ele ganhara aquela camisa. Ela disse-lhe que não e perguntou-lhe de quem ele a havia ganho. Depois dele repetir três vezes, ela entendeu que fora do Chico Bacana, o motorista, enviado pela Assistente Social para entregar doações de roupas a sua família. Perguntou-se se podia ajudar a professora a empurrar o suporte da TV, pois os alunos haviam assistido a um filme. Solícito, ele prontamente colaborou com a mesma e ambos guardaram o suporte no seu devido lugar. Na sequência, voltando à sala, no seu caderno, ele contornou a letra “A” maiúscula e minúscula e, ao terminar a atividade dei-lhe um caderno novo de capa dura, como forma de valorizar sua atuação. Apesar desses progressos, ele seguiu não interagindo com as crianças, nem no recreio nem na Educação Física. O lanche continuou sendo feito na sala de aula, quando os colegas já haviam descido para o pátio e somente a professora ficava na sala com ele. Na sequência, a professora procurou à

Secretaria da Saúde para que um neurologista e um pediatra fizessem um diagnóstico preciso e completo, pois foi observado que o menino possuía dificuldades de locomoção ao subir ou descer escadas (apoiava-se com as mãos no chão ao subir e descer escadas).

Na quarta semana, Darci recortou, colou figuras e palavras e passou a reconhecer as letras A e E. Foi-lhe comprado um xampu e um sabonete para incentivá-lo a tomar banho, o que o deixou muito contente. Todos os dias, ele trocava seu livrinho de leitura na biblioteca e continuava indo ao banheiro da praça acompanhado pela professora ou por um colega. Na hora do lanche, continuava a mesma rotina: comia sozinho na sala e depois ia para o recreio. Porém, a sua interação com os colegas começou a ser significativa, pois passou a emprestar e a pedir emprestado material escolar, o que até então não acontecia.

Apesar disso, continuava sentado, isolado de todos, sem participar de nenhuma brincadeira no recreio e/ou na Educação Física. Nesta semana, a professora foi informada que a Coordenadora Pedagógica da Escola enviara um relatório à 3ª Coordenadoria de Ensino solicitando-lhe um parecer para saber em qual série o aluno Darci deveria ser matriculado, pois até então continuava na sala de aula sem matrícula. No parecer recebido constava que ele deveria ser matriculado e estar frequentando o 2º ano por não ter concluído a 1ª série. A situação deixou a professora inconformada, uma vez que ele já estava interagindo com os colegas e agora teria que trocar de turma e de professora, o que lhe causaria um retrocesso muito grande. Dessa forma, a professora posicionou-se contrária ao parecer recebido e imediatamente ligou para a 3ª Coordenadoria de Ensino, agendando uma audiência com o Setor responsável, a fim de reverter a decisão. Na quinta semana, Darci demonstrou ter alcançado muitos progressos. Pela primeira vez, foi ao banheiro que fica atrás do colégio. Talvez não fosse à praça por ali haver pessoas estranhas. Atendendo a minha solicitação, a primeira dama trouxe para o menino uma bermuda e três cuecas, pois se constatou que ele não as usava. Desse dia em diante passou a vesti-las diariamente. Participou da festinha de aniversário da professora sem constrangimentos. Realizou tarefas de pintura, recorte e colagem, além de contar fatos que aconteceram em casa. Durante a semana, reconheceu as letras A, E, I e O. Continuou indo ao banheiro atrás do colégio, levou livros de leitura para casa, comeu o lanche na sala de aula e não fez mais xixi nas calças. Mas, perceberam-se novas ações: levou o lixo na lixeira, levantou e ficou de pé para realizar as tarefas. Devido as suas dificuldades locomotoras, caiu numa quinta-feira machucando o nariz e, na sexta-feira, esfolou o joelho. Conversou-se com a Secretaria da Saúde e com o clínico geral que o encaminharam a um neurologista e a um pediatra. Nessa semana ocorreu um fato que chamou muita atenção. A mãe de Darci falou à professora que ele gostava muito da dela, logo a seguir perguntou-lhe se na próxima quinta-feira (quinta-feira da Semana Santa) haveria aula, pois, caso contrário, ela não precisaria dar banho no aluno. Isso motivou a professora a visitá-los para conhecer a vida familiar e se ali praticavam hábitos de higiene.

Na sexta semana, a professora atual, a professora do ano anterior, a Assistente Social do município e o Diretor da Escola participaram da audiência previamente marcada com a 3ª Coordenadoria de Ensino, em Estrela. Nela, além dos já citados, estavam presentes a responsável pelo setor pedagógico da Coordenadoria, a responsável pelo setor de inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais e a professora que enviou o parecer para a Escola. As professoras da Coordenadoria acataram nossos argumentos e se impressionaram ao ver as fotos atuais do Darci que registravam a evolução obtida em relação ao ano anterior. Como ele havia feito diversos estudos domiciliares enquanto estava afastado da escola, bem como algumas aulas com uma professora municipal, mas principalmente por estar interagindo com colegas e professora, perceberam que seria desumano mudá-lo de turma. Assim, trataram de acertar a parte da legislação para matriculá-lo na segunda série. Porém, a Escola também devia adequar-se à legislação. Nessa semana, foi acompanhado pela professora ao neurologista. Muitos foram os argumentos usados para convencê-lo a ir ao hospital (recusava-se a ir ao médico ou a entrar no hospital ficando na frente do mesmo, encostado na cerca). Ali mesmo foi atendido pelo neurologista que, por já conhecê-lo, percebeu que ele estava mais calmo e começava a apresentar sinais de socialização. Nesse dia, após a consulta, ele fez

cocô nas calças devido à ansiedade de sair da sala e encontrar pessoas estranhas. Esse fato nos esclareceu que um dos motivos do cocô na calça era o medo do desconhecido. Foi solicitado à mãe que o acompanhasse, no dia seguinte, ao pediatra e, mesmo acompanhado pela mãe, o aluno não aceitou ser consultado, sendo então trazido para a Escola. Diante do ocorrido, ligou-se para o pediatra e ele se prontificou a vir consultá-lo na sala de aula, pois “percebera que a professora estava mais preocupada com o menino do que a própria mãe.” Na hora do recreio, o pediatra chegou e a professora o apresentou ao menino como se fora seu amigo e não um médico. Assim, Darci aceitou ser por ele examinado e caminhou na sala para que o doutor pudesse observá-lo.

Durante essa semana, trabalhou-se com têmpera, colorindo coelhos de Páscoa e quando se terminou a pintura ele foi convidado para ir ao banheiro que fica no corredor lavar as mãos e os pincéis. Pela primeira vez, ali entrou, lavou as mãos, secou-as com papel e jogou o mesmo no lixo. No final da aula, os alunos foram conduzidos à cozinha para buscar a cesta de Páscoa. Darci, para nossa surpresa, acompanhou a turma sem receio nenhum, o que jamais havia acontecido. Na sétima semana pintamos com têmpera uma abóbora, que é o slogan do Festival da Mentira que é realizado nesta cidade a cada dois anos, e, para lavar as mãos, Darci novamente entrou banheiro do corredor. Dessa vez, também sozinho. Na mesma semana, aceitou ficar com outra professora (pois a sua ausentara-se para participar de uma reunião), mas fez xixi nas calças. Recebeu-se a visita de uma professora da 3ª Coordenadoria que quis conhecer o aluno. Ela ficou surpresa ao vê-lo, pois pôde constatar os avanços sociais obtidos. Até o momento, ainda não interage com as outras crianças (brincadeiras no pátio). No recreio permanece sentado aguardando o sinal para retornar à sala de aula. Continua utilizando o banheiro que fica atrás do colégio acompanhado por alguém (professora ou colega). Na oitava semana tudo transcorreu normalmente. Foi ao salão onde havia aula de música. Realizou todas as atividades solicitadas, porém ainda utilizando poucas cores na pintura, geralmente as mesmas. Trouxe de casa salgadinho e, no recreio, repartiu-o com seus colegas. Continua retirando livros na biblioteca, que fica na sala ao lado da sala de aula e gosta de participar das aulas de informática. Na nona semana, pela primeira vez participou de algumas brincadeiras com seus colegas e demais alunos de outras séries; mas pela dificuldade de locomoção que possui caiu e ralou o joelho. Seus colegas ficaram felizes com a sua participação. Frequentou as aulas de música do Coral no salão de atos da Escola, entrou e assistiu a um filme na sala de multimídia (uma sala até então estranha para ele), e, ao entrar na sala do 2º ano, para ensaiar cantos para homenagear as mães, não quis participar e permaneceu sentado na cadeira. Escreveu o seu nome espelhado, porém utilizando todas as letras. Constatou-se, a partir de então, que desenvolveu conhecimento de quantidade, identificando-a até o número 5 e contando o número de desenhos ou objetos para colocar nos conjuntos. Apresenta também noção de higiene pessoal, pois ao fazer xixi nas bermudas sentiu-se envergonhado amarrando o casaco para escondê-las, porque estavam molhadas. Quanto à higiene pessoal, está melhorando, mas as unhas dos pés continuam compridas e sujas. Continua-se a pedir a sua mãe para cortá-las, mas até agora nada. A Assistente Social do município convidou a professora a intermediar junto à família do aluno, pois o menino e a mãe aceitam tudo o que vem da professora, mas não o que ela, a Assistente, solicita. Para tentar compreender as atitudes do Darci conseguiram-se algumas fotos da casa em que eles moravam há alguns anos atrás e outra da casa atual.

Na décima semana, teve um dia que os alunos foram ensaiar no salão novamente a homenagem para as mães. Quando os alunos subiram no palco, após muita insistência, ele foi; porém, após o ensaio, ao retornar-se à sala de informática, sentiu-se um cheiro desagradável. Observou-se que ele havia feito cocô e xixi nas calças. Então, a professora acompanhou-o até o banheiro e solicitou-lhe que entrasse e se limpasse. Como estava todo sujo e o cheiro era insuportável, a turma foi levada ao pátio para realizar atividades ao ar livre. Nesse dia a professora compreendeu que o medo também era uma das causas do descontrole intestinal. “Triste é o educador que desacredita da capacidade de aprendizado do educando e não medita para avaliar a peculiaridade de cada um.” Na sexta-feira, último dia da semana, houve a

homenagem para as mães. Como todos os dias, ele veio acompanhado da mãe, que não pôde ficar para assistir à homenagem, pois tinha que cuidar da filha paraplégica que estava em casa. Nessa ocasião, o salão estava repleto de mães e de crianças. Quando os alunos se dirigiram ao palco, para surpresa de todos, ele também foi e sentou-se perto dos colegas, porém após a apresentação não participou da confraternização (comes e bebes), sentando-se no seu lugar de sempre. O assunto principal, nessa confraternização, foi a participação do Darci na homenagem realizada. Na décima primeira semana recebeu-se a visita de duas pessoas da 3ª Coordenadoria de Ensino que vieram fazer um trabalho de Secretaria e, sabedoras do caso, quiseram conhecer Darci. Surpreenderam-se com os progressos alcançados. Trabalhou-se com o tema solidariedade, confeccionando-se um painel do qual ele também participou. O mesmo foi exposto no mural do corredor. Ficou fácil trabalhar com esse tema, pois Darci é bem aceito por seus colegas e demais alunos, todos querendo ajudá-lo. Como começou a vir novamente sujo para a Escola, perguntou-se a sua mãe porque ela não estava mais lhe dando banho, ao que ela afirmou que a chave da luz caía ao se ligar o chuveiro. Solicitou-se, então, à Assistência Social que um electricista fosse até a casa deles, para ver o que realmente estava acontecendo. Depois disso, viu-se que ele estava mais limpo, chamando a atenção até dos colegas. Foi elogiado pela professora, por estar bem limpinho, mas para a higiene ser completa, “ainda faltava cortar as unhas,” comentou a professora. No momento em que a professora saía da sala para buscar um material, ele tentou cortá-las com uma tesourinha, como se quisesse agradá-la. No dia em que ele não veio para a Escola, porque tinha muito barro, a professora recebeu a visita da presidenta do Conselho Municipal da Assistência Social e da Assistente Social, as quais solicitaram um parecer sobre o aluno para ser encaminhado ao juiz. Na sexta-feira, ele não compareceu à aula. Na décima segunda semana, questionado pela ausência, respondeu que o transporte escolar não subiu o morro por causa do barro. Recebeu-se da Assistência Social dois pares de meias, três cuecas e uma calça para o aluno Darci usar. Seu relacionamento com os colegas está melhorando. Apresenta maior desenvoltura na utilização do teclado, da tesoura e na coordenação motora. O aluno sempre veio à escola de chinelos de dedo. Foi solicitado à mãe que no primeiro dia da próxima semana deixasse Darci em casa, porque iriam receber a visita das pessoas envolvidas no seu processo de recuperação e inclusão.

Na décima terceira semana as pessoas citadas anteriormente dirigiram-se à casa onde reside a família do Darci. O caminho é de difícil acesso. Os familiares estavam todos em casa e acolheram os visitantes, convidando-os a entrar. A professora reviu a irmã do Darci que também fora sua aluna. Questionada para saber se lembrava da professora, respondeu que sim. O aluno Darci estava sentado na sala ao lado de outra sua irmã acomodada numa cadeira de rodas. No local tinha um freezer, algumas cadeiras, um balcão e uma televisão. Havia objetos esparramados por todo lado. Observou-se que não havia portas nos quartos e nem no banheiro. No quarto onde o menino dormia a desordem era total. A casa em que eles moram atualmente fora construída em 2007, com o auxílio da Assistência Social. A casa tem luz elétrica e água encanada, não tem pintura, é de alvenaria, inacabada, pois uma parte possui piso (lajotas) no chão e outra parte é de piso bruto (cimento) e não tem as mínimas condições de higiene. O chão e os objetos estavam imundos e no seu interior havia um cheiro muito forte e desagradável. Os três irmãos mais velhos moram numa casa próxima, que foi construída com as tábuas da casa antiga. Na casa onde reside Darci, moram seu pai e sua mãe, duas irmãs, e uma delas é paraplégica, a Nadir, aquela que gosta de fazer desenhos, pinturas e, às vezes, manda-as para mim. A professora quis conhecer o banheiro e viu que lá estavam guardados: a máquina de plantar, a bicicleta e outros objetos. Eles criam animais: um terneiro, um porco e umas galinhas. Também possuem um fusca velho que não sai da garagem. Foi-lhes orientado e solicitado que a mãe procurasse melhorar os cuidados com a casa, desenvolvesse hábitos de higiene com sua família e deixasse as filhas participarem dos projetos realizados pela Assistência Social, que se responsabiliza pelo transporte das mesmas. Nessa semana a presidente do Conselho Municipal de Assistência Social marcou uma consulta para que o aluno fizesse alguns exames. Ele foi acompanhado pela mãe, mas não aceitou ser consultado e

assim ela conversou com o médico. Ao retornar à Escola estava limpinho e havia ganhado da mãe um boné e um chinelo novo. Como esquentou, ele tirou o casaco, depois, ao esfriar, a professora solicitou-lhe que o colocasse novamente. Ele até que tentou, mas, colocando-o virado, não conseguia fechar o zíper. Chamado pela professora, veio para que ela o ajudasse a vestir e fechar o casaco. Seus colegas comentam que ele está diferente, pois conversa e brinca. Utilizou-se o ábaco para facilitar a compreensão de números e quantidades. Foi-lhe dado um teclado para utilizar na sala, visando a desenvolver a flexibilidade dos dedos e o conhecimento das letras e números. Os colegas se surpreenderam ao vê-lo aceitando ser o primeiro da fila, dar a mão para a professora e até comentaram: – Olha! O Darci foi por primeiro e deu a mão para a professora. Outro aluno comentou: – Claro, ele está decente agora. Ao realizar o projeto Pica-pau ele aceitou fazer as atividades solicitadas, inclusive as que foram realizadas na sala do 2º ano.

Na décima quarta semana, veio para a Escola cheiroso e limpo. Um colega surpreendeu a professora, ao trazer-lhe um cortador de unhas para cortar as do Darci. Infelizmente, ele veio de tênis e não se pôde cortá-las. Na hora do recreio brincou com as outras crianças. Após, ajudou a professora a colocar os trabalhos no mural, a guardar a biblioteca ambulante, retirou livros a fim de levá-los para casa, realizou atividades de pintura, recorte e colagem. A mãe falou à professora que ele não havia comparecido na Escola na quarta, quinta e sexta-feira, porque estava doente. Com a atitude, percebeu-se que a mãe passou a demonstrar um comprometimento maior em relação à educação de seu filho.

Na décima quinta semana veio à Escola embora gripado, com tosse e com dores de cabeça, e por isso estava indisposto para realizar os trabalhos. Esticou a perna para mostrar que havia cortado o pé. Recebeu três livros para manusear e recortar em casa. No encerramento do projeto Pica-pau, Darci não quis comer, apenas tomou refrigerante e sentou-se com os seus colegas e a turma do 2º ano. Continua indo ao banheiro. O aluno, sua mãe e um irmão foram vistos num culto pela primeira vez. Parece que estão demonstrando sinais de sociabilidade. Está interagindo e brincando com as demais crianças. Contatou-se com o Conselho Tutelar para ver se era possível, através de doação, conseguir um calçado fechado para ele usar. Na décima sexta semana muitos avanços puderam ser observados. Veio novamente limpo e arrumado, fez suas tarefas com capricho e continua indo ao banheiro. Na hora do recreio correu, brincou e, ao se cansar, deitou no chão e ficou observando o que os colegas faziam. Na Educação Física não havia ninguém no pátio e ele aceitou caminhar com a professora e uma colega pela pracinha. Seria a primeira vez que ele iria brincar na pracinha. Até então sempre se recusava. Chegando lá, a professora sentou num balanço e pediu-lhe que também sentasse. Ele o fez, gostou e deu risadas. Depois, andou de gangorra e escorregador acompanhado pela colega. Realizou atividades de coordenação motora fina demonstrando ter adquirido maior destreza. As crianças gostam dele e todos querem brincar ao mesmo tempo. Um dia desta semana, ele faltou porque estava com dor de barriga. Um membro do Conselho Tutelar trouxe-lhe um tênis e uma jaqueta. Ele os levou para casa e a professora pediu-lhe que os usasse quando fosse frio.

Na décima sétima semana observaram-se progressos significativos no que diz respeito à socialização com outras crianças, pois ele passava todo o recreio interagindo com elas. Usou o tênis e a jaqueta que ganhara do Conselho Tutelar. Já faz algumas semanas que ele realiza suas atividades fisiológicas no banheiro. Realizou todos os trabalhos que lhe foram solicitados em aula e participou na de informática com maior desenvoltura. Em dois dias da décima oitava semana o aluno não veio porque a professora participou de uma conferência Intermunicipal de Educação. Acompanhou os colegas no ensaio do coral com entusiasmo, mas não quis cantar. Pintou, desenhou, ligou a quantidade ao número e fez outras atividades de coordenação motora. Na décima nona semana utiliza cores claras na pintura e faz todos os trabalhos solicitados. Fez os de colagem na qual era solicitado rasgar o papel, fazer bolinhas, para depois serem coladas. Há três semanas o aluno Darci não quer mais comer o lanche. Um dia desta semana ele não veio à escola, pois falecera a irmã paraplégica (Nadir), a que gostava de pintar. Ficou um dia com outro professor e tudo transcorreu normalmente. No último dia da

semana, ele não estava muito limpo e tinha cheiro de xixi. Na vigésima semana, continuava interagindo no recreio com as outras crianças chegando a provocar ciúmes nos colegas. Realizou suas tarefas sempre que foi solicitado e sua higiene corporal também melhorou. A professora deu-lhe algumas fotos que haviam tirado na sala de aula, o que o deixou muito contente. Está usando sempre meia e tênis quando é frio. Faltou um dia, porque estava com dor de barriga.

Na vigésima primeira semana demonstrou estar feliz, pois sorri e interage com crianças e adultos. A mãe pediu à professora trabalhos para serem realizados nas férias. Nesses meses de aula pôde-se perceber que vários foram os progressos que ele alcançou referentes à socialização, interação, desenvoltura corporal, higiene pessoal, coordenação motora fina e ampla e significativos avanços na aprendizagem. Seguem anexos alguns depoimentos de colegas, pessoas que acompanharam a experiência realizada e que puderam constatar a metamorfose ocorrida com o aluno Darci e o que efetivou sua inclusão na comunidade escolar, familiar e social.

RESULTADOS OBTIDOS

Considerando que a experiência foi realizada parcialmente no primeiro semestre de 2009, e terá continuidade no segundo semestre, pode-se afirmar que os objetivos propostos já estão sendo atingidos, pois as práticas utilizadas estão dando condições para que Darci mantenha-se frequentando a Escola sem causar constrangimento aos demais alunos, e sua higiene pessoal melhorou significativamente. Os colegas exerceram um papel fundamental para que o aluno começasse a interagir com eles e com outras crianças. Dessa interação, observa-se que ele está locomovendo-se com maior facilidade e que já não precisa mais apoiar as mãos no chão e/ou no corrimão para subir e/ou descer as escadas, provando, com isso, que crescemos e aprendemos quando estabelecemos relações com outras pessoas. Uma conquista muito grande foi obtida quando, embora acompanhado, começou a utilizar o banheiro da Escola para fazer suas necessidades fisiológicas. A mãe continua acompanhando-o e depois vai para casa. Ele fica sozinho até o final da aula. Na saída, desce com os colegas e vai esperar o transporte que o leva para casa. Percebe-se o interesse da mãe em relação aos trabalhos do filho.

O aluno Darci ainda não lê, mas escreve o seu nome, conhece algumas letras, faz relação entre número e quantidade, pinta, recorta, cola, desenha, sempre realizando as tarefas solicitadas. Os alunos puderam perceber, identificar e aprender com as peculiaridades do colega, o que contribuiu para enriquecer a aprendizagem de todos.

A oportunidade que a comunidade escolar teve foi ímpar, pois reafirmou e fortaleceu a importância da educação inclusiva para o desenvolvimento integral do ser humano. Conforme o Art. 3º, inciso IV, da Constituição Federal, conseguiu-se através desta experiência que o aluno Darci fizesse parte da 2ª série sem sofrer qualquer forma de discriminação. Com isso, alcançou-se o que estabelece o Art.206, inciso I, a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. “A Educação para todos não é alcançada somente com o acesso à matrícula, mas devem-se fornecer condições de acessibilidade nos diferentes processos institucionais que envolvem a escolarização”. O sorriso estampado no rosto de Darci é a certeza de que algo significativo deixou marcas na sua vida, e que, por ter conhecido o mundo que o rodeia, nunca mais voltará a ser o menino que era antes.

AValiação

Um sonho sonhado, não passa de um sonho, mas um sonho vivenciado deixa de ser sonhado e passa a ser idealizado. Um sonho que foi aos poucos se enraizando na mente e no coração de outras pessoas, torna-se uma realidade concreta. Um sonho sonhado coletivamente, que estabeleceu parcerias para efetivar um trabalho em rede, que almejou a ressocialização e o direito à diversidade que todo ser humano possui e muitas vezes não é respeitado, não é somente um sonho, mas uma realidade que pode ser efetivada.

A comunidade escolar e segmentos da sociedade imbuídos por um mesmo ideal provaram que, “sozinhos somos fracos, mas juntos somos fortes”, pois a parceria foi essencial para que fossem respeitadas as especificidades do aluno Darci, levando-se em conta que “somos de uma mesma espécie e, apesar disso, não há sequer um polegar igual ao outro nesse mundo”. Quando levamos a sério nossa missão de formar seres preparados para a vida, problemas e desafios surgem, porém a busca pela superação dos mesmos é inevitável. Para que esta experiência tivesse êxito e causasse crescimento significativo na vida, no comportamento e no aprendizado do aluno e de seus colegas, foi necessário ultrapassar os limites da sala de aula e quebrar preconceitos sociais, familiares e educacionais; foi preciso acreditar e valorizar cada conquista, cada progresso que Darci apresentava. Suas conquistas e progressos demonstradas no decorrer dos dias serviam de estímulos para que cada vez mais pessoas acreditassem que seria possível, através da afetividade, atingir todos os alunos sem distinção, transformando assim a inclusão num processo natural. O professor precisa aliar-se à afetividade para cativar seus alunos. Conforme Chalita, 2001: “Não é possível combater a insensibilidade, o desrespeito, a falta de solidariedade, a apatia, a não ser pelo afeto”. Os percalços também surgiram, mas pouco a pouco foram superados com o auxílio dos colegas de sala de aula, crianças humildes que frequentavam a Escola e demonstravam possuir uma enorme sensibilidade e um sentimento de solidariedade muito grande, a ponto de compreenderem, com naturalidade, o modo de ser e de agir do colega Darci.

O “ser diferente” faz a diferença na sala de aula, por proporcionar um maior envolvimento dos alunos, capaz de torná-los solidários e sensíveis às limitações que cada ser humano possui, contribuindo para que o ensino-aprendizagem flua baseado principalmente no vínculo afetivo estabelecido entre eles. Muito se fala em inclusão social, mas sabemos que na prática não é bem assim. Muitas vezes, os alunos que possuem limitações são ignorados pela comunidade escolar e pela própria sociedade. Outras vezes, são inseridos na sala de aula regular, mas não são desenvolvidas as práticas que favoreçam a sua inclusão, e isso reforça ainda mais a sua exclusão. Ao avaliar esta experiência, agradeço a Deus pelo dom da vida e o de ensinar, pois esta experiência enriqueceu o meu fazer pedagógico. Aprendi muito com as relações e vínculos estabelecidos entre aluno-professor e professor-aluno. Vivenciei uma experiência maravilhosa, rara e sublime que me proporcionou enorme satisfação pessoal e realização profissional, o que me enaltece como ser humano comprometido com a transformação através da Educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRASIL. Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE). Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educacionais Especiais. Brasília, 1994^a.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer 17/2001. 3 jul.2001. Disponível em: < www.mec.gov.br/seesp/Ftp/Diretrizes.pdf.>.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Educacional na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- CHALITA, Gabriel. Educação: a solução está no afeto. São Paulo: Editora Gente, 2001, 1^a ed. 2004 edição revista e atualizada.
- MANTOAN, Maria Tereza E. Todas as Crianças São Bem-Vindas à Escola. São Paulo: UNICAMP, 2003. Disponível em:
- UNESCO. Declaração de Salamanca. São Paulo: Biblioteca Virtual de Direitos Humanos/USP, 2003.
- UNESCO. Educação para Todos. Brasília: Biblioteca Virtual de Educação UNESCO-Brasil, 2003.
- VIGOTSKY, L. A formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.